

A FOTOGRAFIA NA SOCIOLOGIA: CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA E INTERNACIONAL

Photography in Sociology: Cartography of Brazilian and international scientific production

Lucas Flôres Vasques¹

Thaís Cristina Caetano de Souza²

Luana Estela Di Pires³

Resumo

Este artigo realiza uma cartografia da produção sociológica sobre fotografia no Brasil e no cenário internacional, com base em análises bibliométricas e lexicais realizadas por meio dos softwares IRaMuTeQ e VOSviewer. A partir de um *corpus* de artigos indexados nas bases SciELO e Web of Science, investigam-se os repertórios conceituais, os eixos temáticos e que estruturam o uso da fotografia como objeto e instrumento de pesquisa nas ciências sociais. Os resultados evidenciam que a produção brasileira está fortemente ancorada no referencial Bourdieusiano, com ênfase em abordagens teóricas e simbólicas, enquanto a produção internacional se destaca pelo uso metodológico e aplicado da imagem, especialmente em pesquisas sobre saúde, juventude, gênero e consumo digital. A fotografia revela-se, assim, uma arena de disputas epistemológicas, refletindo distintos modos de fazer científicos e formas de consagração nos campos acadêmicos analisados. O artigo conclui pela necessidade de articular criticamente densidade teórica e metodologia, promovendo uma sociologia visual ou da imagem que seja, ao mesmo tempo, reflexiva, situada e sensível às transformações contemporâneas da cultura visual.

Palavras-chave: Sociologia Visual; Sociologia da Imagem; Fotografia; Análise Bibliométrica; IRaMuTeQ; VOSviewer.

¹Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Ciências Sociais (UNESP). Pesquisador-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Pesquisador no NESPOM (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado). Pesquisador Visitante na École Normale Supérieure de 2025 até 2026. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1124-8506>. E-mail: lucasvasques2009@gmail.com.

²Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Ciências Sociais (UNESP). Pesquisadora-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Pesquisadora no NESPOM (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado). Pesquisadora Visitante na École Normale Supérieure (ENS) de 2025 até 2026. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7121-5146>. E-mail: tcc.souza@unesp.br

³Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Ciências Sociais (UNESP). Pesquisadora-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) desde 2018 (IC, MS e DR). Pesquisadora no NESPOM (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8735-1510>. E-mail: luana.pires@unesp.br.

Abstract

This article maps the sociological production on photography in Brazil and in the international arena, based on bibliometric and lexical analyses carried out using the IRaMuTeQ and VOSviewer software. Drawing on a corpus of articles indexed in the SciELO and Web of Science databases, we investigate the conceptual repertoires and thematic axes that structure the use of photography as both an object and a research tool in the social sciences. The results show that Brazilian production is strongly anchored in Bourdieusian frameworks, with an emphasis on theoretical and symbolic approaches, whereas international production stands out for its methodological and applied use of images, especially in research on health, youth, gender, and digital consumption. Photography thus emerges as an arena of epistemological disputes, reflecting distinct scientific practices and forms of consecration in the academic fields analyzed. The article concludes by highlighting the need to critically articulate theoretical density and methodology, promoting a visual sociology, or sociology of the image, that is simultaneously reflective, situated, and sensitive to contemporary transformations in visual culture.

Keywords: Visual Sociology; Sociology of the Image; Photography; Bibliometric Analysis; IRaMuTeQ; VOSviewer.

Introdução

Para os ocidentais, a visualidade tornou-se central na produção do conhecimento, embora nem sempre tenha sido assim (Novaes, 2009). Segundo Novaes (2009), a associação entre visão e conhecimento é uma construção histórica que se consolidou sobretudo a partir do século XIX, quando a visão se tornou central para o saber e a investigação, visto que permitia a distância necessária para o conhecimento, sem a mediação do toque. Dessa forma, a nossa percepção e relação com o mundo se tornou cada vez mais visual e espacial, consolidando a ideia de que “ver é conhecer”. Esse processo se intensificou com o surgimento de tecnologias como a fotografia e o cinema, que, na segunda metade do século XIX, transformaram a experiência do olhar em uma forma tecnicamente mediada de apreensão do mundo. A difusão de imagens na medicina, na astronomia, na microscopia e nas ciências naturais reforçou a centralidade do olhar como operador epistêmico (Novaes, 2009).

Paradoxalmente, no universo das ciências sociais, tem-se um movimento inverso; a disciplina adotou uma postura de “fechar os olhos” para as imagens. Segundo Novaes (2009), a partir de 1920 e 1930, com raras exceções, o conhecimento nas ciências sociais abdicou das imagens, tanto como objeto de análise quanto como forma de comunicação do conhecimento, priorizando representações discursivas e

estatísticas do mundo social. Na sociologia, por exemplo, verificou-se um progressivo desaparecimento das imagens nos artigos científicos. Assim, a produção de conhecimento sociológico tornou-se eminentemente verbal, centrado na linguagem escrita e nos grandes quadros teórico-metodológicos, enquanto as imagens foram relegadas ao campo do sensível, onde somente artistas tinham legitimidade. Como observa Novaes (2009), constituiu-se uma hierarquização dos sentidos no fazer científico, em que o olhar, embora historicamente central na constituição da modernidade, passou a ser epistemicamente marginalizado nas práticas dos cientistas sociais.

Somente a antropologia manteve, ainda que com rupturas e descontinuidades, o uso de imagens em suas práticas científicas e na construção do conhecimento. Isso se deve, sobretudo, à centralidade do trabalho de campo e da observação participante, que favoreceram o uso de registros visuais (p. ex. fotografias, filmes etnográficos e desenhos) como instrumentos de documentação e análise, além da proximidade da disciplina com a história do cinema (Novaes, 2009), que contribuiu para que a antropologia sistematizasse saberes e reflexões acerca das representações visuais. Já a sociologia, para se diferenciar da biologia e da psicologia, eliminou deliberadamente o corpo do seu campo de estudo, da teoria social, marginalizando, evidentemente, o olho, isto é, o olhar e a visualidade (Maresca, 1996), e se ancorando predominantemente no texto escrito – ainda que as imagens, mais recentemente, estejam presentes em subcampos da sociologia.

No entanto, o mundo contemporâneo está pulverizado por imagens, e sua presença vem se intensificando sensivelmente, sobretudo com o avanço das mídias digitais e a popularização do *smartphone*, que sofisticaram as técnicas de reprodução e manipulação das imagens e viabilizaram, sobretudo, o compartilhamento de si, da intimidade, de visões de mundo e de construção de identidades. Diante desse contexto de efervescência digital e visual, faz-se necessário retomar a visualidade como um dos elementos de construção de conhecimento sobre o mundo social, visto que o olhar não é somente um fenômeno fisiológico, mas

“olhar e produzir imagens implica operações mentais complexas, ligadas à nossa vida psíquica e cultural” (Novaes, 2009, p. 56). Portanto, cada pessoa olha e produz imagens pela lente dos seus próprios valores e trajetória social.

Nesse contexto, a fotografia não apenas documenta o mundo, mas o interpela moralmente. Seu poder de afetar, sensibilizar ou anestesiar está diretamente ligado ao modo como as imagens são enquadradas e expostas. Um exemplo desse paradigma é apresentado por Sontag (2003) em *Diante da dor dos outros*, obra na qual a autora propõe uma crítica à estetização da violência nas imagens fotográficas, especialmente aquelas oriundas de contextos de guerra. Para a autora, as fotografias de sofrimento funcionam como dispositivos ambíguos: por um lado, podem mobilizar empatia e produzir um senso de urgência ética; por outro, correm o risco de banalizar a dor, transformando o horror em espetáculo e o sofrimento em consumo estético.

Barthes (2014) denomina de “naturalização do cultural” o processo pelo qual a imagem se desloca para o centro da produção de sentido, tornando a palavra subsidiária da visualidade. Trata-se de um mecanismo em que a analogia fotográfica – isto é, a suposta semelhança com o real – mascara os códigos ideológicos que a estruturam. Nesse movimento, a imagem deixa de ilustrar o texto e passa a demandar interpretação, assumindo a função de organizadora de regimes de verdade e reconhecimento. Como afirma o autor, “o texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a insuflar-se um ou vários significados. [...] Hoje, o texto sobrecarrega a imagem, confere-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação” (Barthes, 2014, p. 21).

A fotografia, embora fundada em um recorte do passado, não equivale à realidade em si, mas a um recorte interpretativo e tecnicamente mediado do mundo. Em *O ato fotográfico e outros ensaios*, Dubois (1994) propõe três posições epistemológicas centrais para compreender a relação entre a fotografia e o real. A primeira, que o autor denomina “espelho do real”, corresponde à concepção tradicional da

imagem fotográfica como duplicação automática do mundo, fundada na crença de que sua autenticidade se sobrepõe à semelhança pela simples mimetização. Trata-se de uma posição operante no imaginário social, em que a fotografia é tomada como evidência incontestável do que existiu.

A segunda posição, denominada “transformação do real”, desloca o foco para a fotografia como produto de uma impressão sensível e construída, enfatizando que ela não é um espelho neutro, mas uma forma de mediação que interpreta, transpõe e transforma aquilo que registra. Por fim, Dubois propõe a noção de fotografia como “traço de um real”, em que a imagem é compreendida como índice – ou seja, como marca física de um referente ausente. Nesse modelo, a fotografia não se define pela semelhança, mas pelo vínculo material com o real que a produziu. Assim, “a foto é em primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo)” (Dubois, 1994, p. 53).

Nesse contexto, a fotografia emerge como operador simbólico, frequentemente associada a valores de veracidade, autenticidade e documentação objetiva. Essa representação social da fotografia como “espelho do real” (Dubois, 1994), ancorada em seu fundamento técnico e reforçada por um discurso de neutralidade que a acompanha desde sua invenção, consolidou sua legitimidade como instrumento documental privilegiado. Como ilustrado pela *Encyclopédie française*, que contrastava a subjetividade das obras de arte com a suposta pureza do registro fotográfico, a fotografia foi concebida como tecnologia de visualização objetiva, obscurecendo os filtros culturais, ideológicos e estéticos que informam sua produção e recepção.

Kossoy (2000) desconstrói a noção de neutralidade fotográfica ao afirmar que toda imagem resulta de uma trama complexa entre realidades e ficções. Segundo o autor, a fotografia carrega em si elementos objetivos, oriundos do contato direto com o mundo visível; no entanto, também é atravessada por dimensões ficcionais, determinadas pelas escolhas subjetivas do fotógrafo, pelas técnicas utilizadas e pelos contextos de circulação e recepção da imagem. Essa ambiguidade é precisamente o que confere à fotografia sua força simbólica: ela pode ser

simultaneamente interpretada como prova e como construção, como espelho e como performance. A fotografia não mostra apenas o que foi, mas também o que se quis mostrar, o que se pôde mostrar e o que se esperava ver.

No plano sociológico, Bourdieu (1979) adverte que a fotografia deve ser compreendida como prática social inserida em um sistema de disposições. A operação fotográfica está longe de ser neutra: ela implica escolhas formais, enquadramentos estéticos, decisões técnicas e *habitus* específicos, tanto do fotógrafo quanto dos públicos a que se dirige. A própria definição do que merece ser fotografado é uma decisão carregada de valores sociais e classificações simbólicas. A imagem, nesse sentido, não apenas representa o mundo, mas também o organiza, hierarquiza e o torna visível sob determinadas condições históricas e sociais.

Sob essa perspectiva, a fotografia se inscreve como forma social estruturada e estruturante, situada em campos específicos e regulada por lógicas de distinção e consagração. A obra de Bourdieu (Bourdieu, 1979; Bourdieu; Bourdieu, 1990), ao integrar a prática fotográfica a uma teoria das estruturas sociais, oferece um aparato teórico robusto para pensar a imagem como produto e vetor de relações sociais. Suas análises sobre o uso doméstico da fotografia e os registros visuais de sua pesquisa de campo na Argélia exemplificam esse duplo estatuto: a imagem como documento e como gesto simbólico, como evidência e como construção.

Dessa forma, a imagem, especificamente a fotografia, objeto deste artigo, tende a ocupar uma crescente centralidade na sociologia, sendo mobilizada tanto como objeto de investigação quanto como recurso metodológico. Sua presença massiva nos modos de visualidade moderna e sua capacidade de condensar significados sociais conferem-lhe um papel privilegiado na construção e análise da realidade social. Como observa Sweetman (2009), as últimas décadas testemunharam uma intensificação do interesse sociológico pelos métodos visuais, refletida na proliferação de publicações, grupos de trabalho e eventos especializados. No contexto britânico, autores como Pink (2006), Rose (2006) e Banks (2001) foram fundamentais para a consolidação da sociologia visual como

subcampo institucionalizado. Essa tendência, no entanto, ultrapassa o Reino Unido, estendendo-se à Europa continental e aos Estados Unidos, em consonância com a ascensão da cultura visual como dimensão constitutiva da vida social contemporânea e com a ampliação do acesso à produção e circulação de imagens em meio digital.

No contexto brasileiro, o interesse pela imagem e fotografia no interior da sociologia ganhou espaço, recentemente, nos importantes congressos da área, como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) e Sociedade Brasileira de Sociologia (Sbs), com a organização de grupos de trabalho e simpósios de pesquisa acerca da temática, além da organização de dossiês temáticos em periódicos científicos, iniciativas que contribuem para desenhar o arcabouço teórico e metodológico do manejo do visual em uma perspectiva sociológica.

Dessa forma, este artigo propõe uma análise comparativa entre os usos da imagem, especificamente da fotografia, na sociologia brasileira e internacional, com o objetivo de cartografar os eixos temáticos, os repertórios conceituais e as problematizações que estruturam a sociologia da imagem ou da fotografia. Busca-se identificar as formas como a imagem fotográfica foi incorporada como objeto de análise e recurso metodológico, evidenciando os princípios de consagração e as lógicas de legitimação que orientam sua inserção nos programas de pesquisa sociológica.

A estratégia metodológica adotada combina análise textual e bibliometria. No caso da produção nacional, recorreu-se à análise de similitude com o *software* IRaMuTeQ, aplicada a textos completos de artigos científicos publicados em periódicos brasileiros, com vistas à identificação de núcleos semânticos recorrentes. Para o *corpus* internacional, empregou-se o *software* VOSviewer, com base em metadados extraídos da base Web of Science, filtrados pelo termo “photography” na categoria temática “Sociology”. As análises permitiram a construção de mapas semânticos e redes de coocorrência, possibilitando a visualização das tendências lexicais, dos agrupamentos

temáticos e das articulações conceituais predominantes em cada espaço de produção científico.

Ao delimitar dois conjuntos distintos, o nacional e o internacional, e ao analisá-los com espaços distintos, mas metodologicamente convergentes, este artigo não busca realizar um inventário exaustivo, mas sim produzir uma cartografia crítica do estado da arte da fotografia na sociologia. Interessa-nos compreender como esse objeto é disputado, ressignificado e apropriado nos diferentes espaços de produção científica.

A articulação entre fotografia e ciências sociais, ainda que consolidada em subcampos como a sociologia da arte, a antropologia visual e os métodos qualitativos, revela desigualdades epistemológicas notáveis entre distintas tradições acadêmicas. No Brasil, os estudos sociológicos sobre fotografia tendem a gravitar em torno do legado teórico de Pierre Bourdieu, mobilizando categorias como campo, *habitus*, gosto, distinção e capital simbólico. Já a produção internacional evidencia uma inflexão metodológica significativa, com o crescimento do uso da fotografia como ferramenta empírica em contextos aplicados, especialmente em pesquisas sobre saúde pública, juventude, gênero e movimentos sociais, por meio de estratégias como *photovoice* e *photo-elicitation*⁴ e outras técnicas visuais participativas. Essa assimetria aponta para formas distintas de problematização do papel da imagem na produção do conhecimento sociológico e revela diferentes modos científicos em disputa.

Metodologia

A análise bibliométrica consolidou-se, nas últimas décadas, como uma estratégia metodológica robusta no interior das ciências sociais, especialmente no esforço de sistematizar grandes *corpora* textuais e visualizar os padrões estruturantes da produção científica. Para além da

⁴ O *photovoice* é uma metodologia participativa que utiliza a produção fotográfica pelos próprios participantes de uma pesquisa como forma de expressar suas experiências e visibilizar realidades sociais marginalizadas (Wang; Burris, 1997). Já o *photo-elicitation* se refere ao uso de imagens – produzidas ou selecionadas previamente – como estímulo em entrevistas qualitativas, permitindo ao pesquisador acessar camadas mais profundas da memória, da afetividade e da construção de sentido (Harper, 2002).

quantificação de publicações, essa abordagem permite mapear as formas de construção e legitimação do conhecimento, identificando articulações temáticas, redes de coocorrência conceitual e regularidades discursivas que compõem campos acadêmicos específicos. Sua adoção crescente nas humanidades tem sido viabilizada por plataformas de dados estruturados, como a SciELO e a Web of Science, e pelo desenvolvimento de ferramentas computacionais especializadas, a exemplo do VOSviewer, IRaMuTeQ, Gephi e Leximancer.

Embora suas origens remontem aos anos 1950 (Wallin, 2005), a incorporação efetiva da bibliometria à sociologia só ganhou expressão nas últimas duas décadas, com a consolidação de uma infraestrutura computacional capaz de operacionalizar análises lexicais, redes semânticas e cartografias conceituais de modo acessível e replicável. Tais ferramentas não apenas ampliam o alcance empírico das investigações, mas também renovam as possibilidades reflexivas da pesquisa, ao permitir uma leitura estratificada das dinâmicas simbólicas, institucionais e epistemológicas que estruturam determinado espaço acadêmico.

No presente estudo, adotou-se uma estratégia metodológica dual, orientada por dois objetivos complementares: 1) identificar os principais núcleos semânticos e repertórios conceituais mobilizados na sociologia brasileira sobre fotografia, com base em dados da base SciELO; e 2) mapear, de forma análoga, as tendências temáticas e metodológicas da produção internacional indexada na base Web of Science, focalizando publicações categorizadas sob o descritor “Sociology” com o termo-chave “photography”.

Para o *corpus* nacional, foi construída uma base composta por artigos científicos completos publicados em periódicos brasileiros no filtro temático “sociologia”, indexados no Scielo, selecionados com base na presença explícita da fotografia como objeto empírico ou como recurso metodológico. Os textos foram processados no *software* IRaMuTeQ (Interface R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), que permite realizar análises de similitude lexical e

extração de redes semânticas a partir de algoritmos de frequência e coocorrência de palavras. A análise resultante produziu um gráfico semântico, no qual termos lexicalmente próximos foram organizados em clusters temáticos, estruturando campos discursivos com base na centralidade do léxico “fotografia”.

O uso do IRaMuTeQ justifica-se, neste caso, pela natureza predominantemente textual e discursiva do *corpus* brasileiro, composto por resumos relativamente curtos, mas densos em categorias analíticas. A escolha por uma técnica de análise de similitude, em detrimento da classificação hierárquica descendente, deve-se à intenção de apreender as redes de associação lexical em sua estrutura relacional, privilegiando as zonas de convergência semântica em detrimento das divisões rígidas.

Em paralelo, construiu-se um *corpus* internacional composto por 380 artigos completos em inglês indexados na base Web of Science, filtrados pela combinação entre a categoria temática “Sociology” e o termo “photography” como palavra-chave. Esse conjunto documental foi processado no VOSviewer, ferramenta desenvolvida pelo Centre for Science and Technology Studies da Universidade de Leiden, que permite a construção de mapas de coocorrência de termos com base em medidas estatísticas de proximidade (association strength). O VOSviewer viabiliza a visualização de clusters temáticos, densidade lexical e articulações entre palavras-chave, oferecendo uma leitura topológica do campo discursivo internacional.

Optou-se, assim, por uma divisão metodológica coerente com as especificidades dos dois conjuntos empíricos: no caso brasileiro, enfatizamos o conteúdo dos artigos; já no caso internacional, os metadados das palavras-chave atribuídas pelos próprios autores. Essa assimetria metodológica foi mantida de forma deliberada, não como limitação, mas como reflexo das diferentes culturas de indexação e circulação acadêmica nos dois contextos. Tal escolha exige, entretanto, uma leitura reflexiva dos resultados, uma vez que as formas de codificação e classificação da produção científica também expressam modos institucionais, normas editoriais e estratégias de consagração.

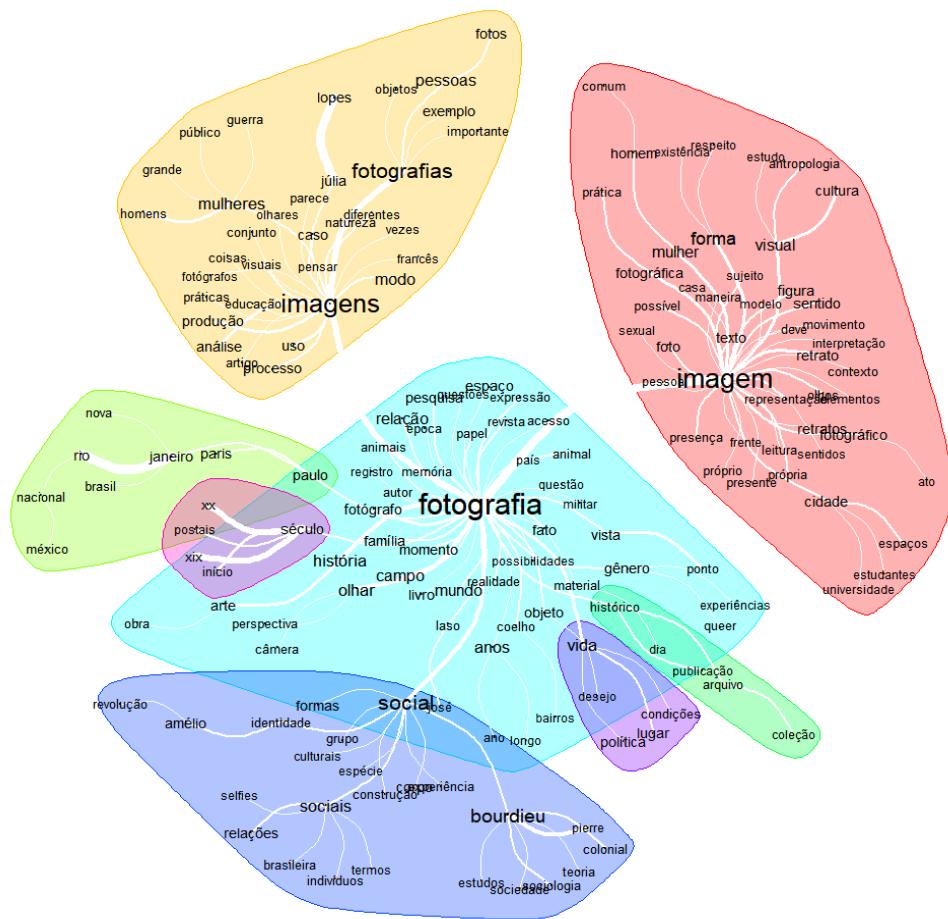
A última etapa do procedimento consistiu na triangulação analítica entre os mapas semânticos obtidos via IRaMuTeQ e VOSviewer. Com base em uma leitura sociológica guiada pelas contribuições da sociologia da ciência (Latour, 1987; Bourdieu, 2003) e da sociologia da cultura (Griswold, 2004; Heinich, 2014), foram interpretadas tanto as convergências quanto às assimetrias nos vocabulários mobilizados pelas abordagens nacional e internacional. Essa triangulação permitiu evidenciar as matrizes lexicais que estruturam o espaço da sociologia da fotografia, revelando padrões discursivos, zonas de silêncio e estratégias de legitimação específicas a cada espaço de produção científica.

Resultados

1. A fotografia na produção científica brasileira (SciELO)

A análise de similitude realizada com o *software* IRaMuTeQ, a partir de um *corpus* composto por resumos de artigos científicos em português indexados na base SciELO, revelou a formação de seis grandes *clusters* lexicais organizados em torno de categorias sociológicas e culturais. Esses agrupamentos evidenciam os principais núcleos temáticos mobilizados pela sociologia brasileira quando a fotografia é tematizada como objeto de investigação. A estrutura semântica da rede textual analisada é fortemente ancorada no legado teórico do sociólogo francês Pierre Bourdieu, articulando noções como campo, distinção, capital simbólico e práticas sociais, o que aponta uma tendência da centralidade da sociologia da cultura como matriz analítica dominante.

Figura 1 - Análise de Similitude da produção científica brasileira



Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

O *cluster* azul-escuro estrutura-se em torno de uma leitura da fotografia como fenômeno simbólico e relacional. A recorrência de termos como “grupo” “formas”, “sociais”, “culturais” e “Pierre” sugere um uso consolidado da teoria bourdieusiana para compreender a imagem como fenômeno inscrito em lógicas de distinção, legitimidade cultural e hierarquia de gostos. A fotografia é, assim, concebida como expressão de *habitus* e vetor de consagração simbólica.

O *cluster* vermelho enfatiza a dimensão representativa da imagem fotográfica. A articulação entre “imagem”, “forma”, “cultura” e “cidade” remete à fotografia enquanto linguagem visual capaz de condensar sentidos sociais e operar simbolicamente sobre a realidade.

O *cluster* verde-claro localiza-se no cruzamento entre a fotografia e a história. Termos como “arquivo”, “coleção”, “século”, “postais”,

“Brasil”, “nacional”, “Rio de Janeiro”, indicam a apropriação da imagem fotográfica como documento e como ferramenta de construção da memória coletiva e nacional. A imagem aparece nesse contexto como suporte de narrativas históricas.

No *cluster* amarelo, a articulação entre os termos “imagens”, “mulheres” e “produção” revela uma preocupação com as relações de gênero e com o poder simbólico da representação. A fotografia surge como espaço de visibilização das desigualdades e como meio de crítica aos regimes normativos, mobilizando a imagem enquanto dispositivo de agência e denúncia.

O *cluster* roxo evoca experiências dissidentes e subjetividades não normativas, especialmente no que tange a gênero, sexualidade e afetividade. Termos como “vida”, “desejo”, “política” e “condições” apontam para uma fotografia engajada com os modos de existência *queer* e com formas alternativas de expressão e resistência simbólica.

Por fim, o *cluster* azul-claro sugere uma abordagem relacional da imagem, centrada na articulação entre “fotografia”, “campo”, “espaço”, “relação” e “olhar”. A imagem fotográfica é compreendida como produto de um campo social estruturado por disputas de sentido, expectativas de recepção e modos de visibilidade. Essa perspectiva se aproxima das abordagens pragmáticas e construtivistas sobre o olhar, que concebem a visualidade como experiência socialmente situada.

Esses agrupamentos apontam para um espaço analítico plural, mas atravessado por uma orientação crítica consolidada. De modo geral, a produção sociológica brasileira sobre fotografia privilegia abordagens críticas e reflexivas, com ênfase nas dimensões simbólicas e culturais da imagem, além dos modos de produzi-la. A fotografia aparece, assim, menos como ferramenta metodológica e mais como reflexo das formas de dominação e distinção no espaço social, sendo analisada como prática cultural imbricada nas disputas por legitimidade, reconhecimento e representação.

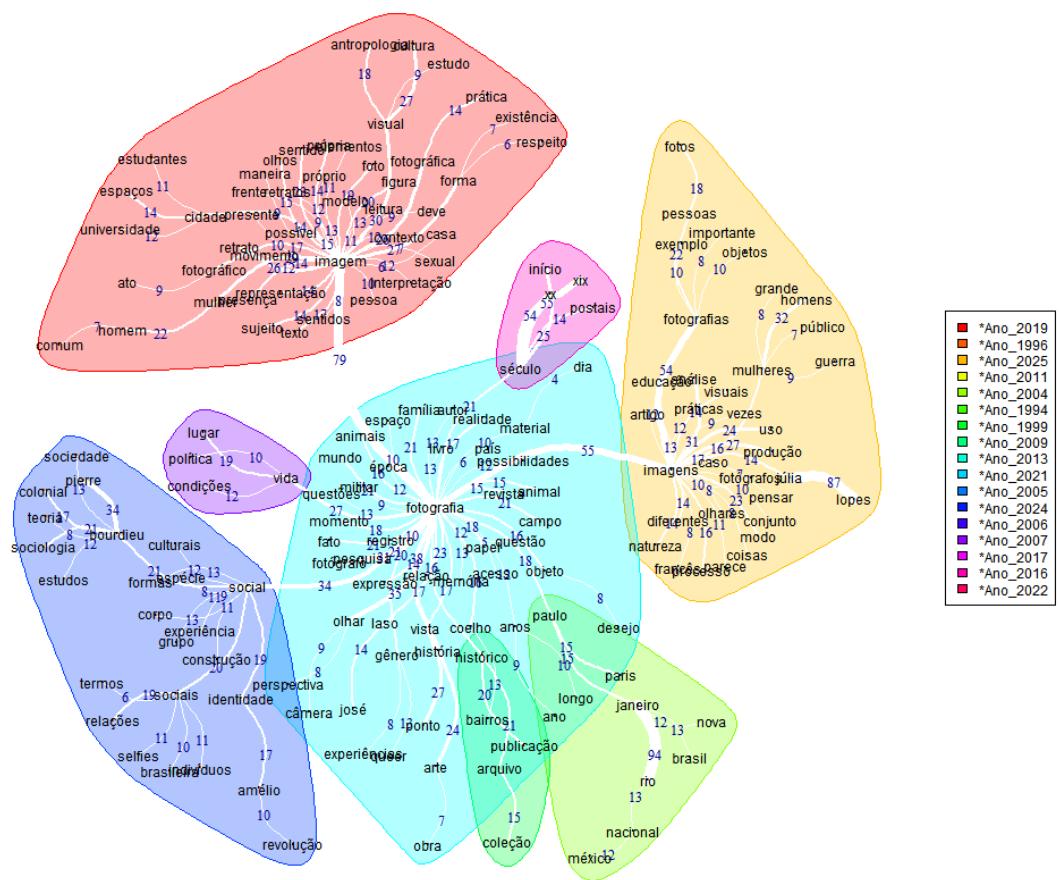
Embora existam aberturas analíticas para questões de gênero, sexualidade, subjetividade e agência, como evidenciam os *clusters* roxo e

amarelo, observa-se uma relativa marginalidade das abordagens que tratam a fotografia como recurso de pesquisa empírica ou como ferramenta metodológica, o que contrasta com tendências mais consolidadas em outros contextos acadêmicos, conforme será demonstrado na seção relativa à produção internacional.

1.1 Dinâmica temporal da fotografia na produção sociológica brasileira

Ao incorporar a dimensão temporal no gráfico de similitude, observa-se como os temas associados à fotografia evoluíram na produção sociológica brasileira entre os anos de 1996 e 2025. A presença dos anos nos vértices do gráfico revela não apenas a persistência de certos núcleos temáticos, mas também o surgimento de novas perspectivas analíticas ao longo do tempo.

Figura 2 - Análise de Similitude com marcações temporais da produção científica brasileira



Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

No *cluster* vermelho, por exemplo, marcado por termos como “imagem”, “visual”, “figura”, “representação” e “sentido”, destacam-se publicações mais recentes, sobretudo dos anos 2019, 2021 e 2025, o que sugere uma intensificação do interesse pelas dimensões semióticas, subjetivas e fenomenológicas da imagem. Termos como “antropologia”, “sexual”, “experiência” e “visual” são conectados por arestas de alta frequência (como “imagem” e “visual”, peso 79), indicando uma ampliação do campo de estudos voltados à interpretação simbólica da fotografia e às suas intersecções com temas como gênero, sexualidade e corpo. A concentração de anos recentes neste *cluster* sinaliza uma renovação dos enfoques analíticos, em diálogo com os avanços da antropologia visual, da fenomenologia da imagem e das teorias da performatividade.

No *cluster* amarelo, onde estão presentes os termos “fotos”, “pessoas”, “objetos”, “educação”, “mulheres” e “práticas visuais”, nota-se uma distribuição mais equilibrada ao longo dos anos, com destaque para os anos 2011, 2013 e 2023. Esse núcleo representa uma abordagem mais aplicada da fotografia, em que práticas educativas, experiências coletivas e análises de representações sociais estruturam o uso da imagem. A ligação entre “mulheres” e “práticas” (peso 87) reforça a centralidade de estudos que articulam visualidade e gênero, com forte incidência em publicações de orientação crítica e interseccional.

O *cluster* azul-escuro, centrado nos termos “sociais”, “identidade”, “culturais”, “Bourdieu” e “formas simbólicas”, concentra publicações de anos anteriores, como 2002, 2006 e 2010, sugerindo uma certa dominância, no passado, da sociologia bourdieusiana na análise da fotografia como reflexo das estruturas sociais. Embora ainda relevante, esse vocabulário apresenta menor renovação temática recente, o que pode indicar uma relativa estabilização desse referencial teórico ou sua incorporação como pressuposto já consolidado.

Em contrapartida, o *cluster* verde-claro, que traz termos como “brasil”, “nacional”, “méxico”, “rio” e “janeiro”, agrupa publicações mais recentes (2022, 2023, 2025) e está vinculado à fotografia como dispositivo de construção identitária, cultural e territorial. A presença desses termos

nos anos recentes indica uma crescente atenção à fotografia como documento etnográfico, prática de patrimonialização e construção de narrativas visuais nacionais e locais.

O pequeno *cluster* rosa, associado aos termos “século”, “postais” e “XIX” (data em séculos), destaca-se por sua concentração em publicações dos anos 1996, 1999 e 2004, evidenciando um interesse histórico localizado no início do período analisado. Esse núcleo parece remeter a estudos sobre a história da fotografia e suas formas de circulação nas primeiras décadas do século XX.

Por fim, os *clusters* azul-claro e roxo, relacionados a “fotografia”, “campo”, “relação”, “experiência”, “vida” e “política”, apresentam continuidade intertemporal, com presença significativa de publicações entre 2000 e 2025. A persistência desses núcleos sugere uma longa trajetória da fotografia como prática relacional e como via de expressão de subjetividades políticas e existenciais.

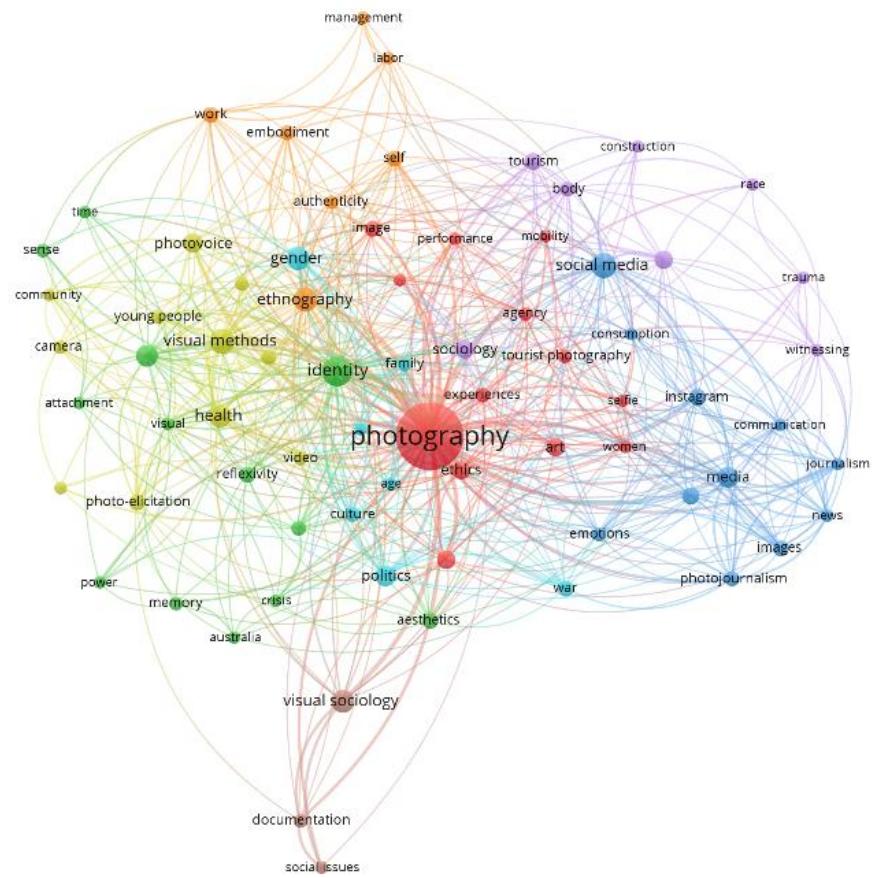
Em síntese, a análise da produção nacional sobre fotografia em sociologia, evidencia tanto a permanência de núcleos clássicos (como os ligados à sociologia de Bourdieu) quanto o surgimento de novos vocabulários associados à crítica cultural, às questões de gênero, às práticas educativas e à visualidade como experiência. O espaço brasileiro de estudos sociológicos sobre fotografia mostra-se, assim, em movimento, incorporando gradualmente novas perspectivas analíticas, ainda que mantendo teorias estruturantes consolidadas nas décadas anteriores.

2. A fotografia na produção científica internacional (Web of Science)

A análise da produção internacional sobre fotografia, realizada a partir de artigos indexados na base Web of Science e processada por meio do software VOSviewer, evidencia uma configuração temática substancialmente distinta daquela observada no cenário nacional. A rede semântica construída a partir da coocorrência de palavras-chave mostra que a fotografia é abordada predominantemente como ferramenta metodológica, dispositivo político e interdisciplinar. Os *clusters* formados revelam uma sociologia profundamente ligada a campos como a saúde

pública, a antropologia visual, os estudos culturais e as mídias digitais, indicando uma maior abertura para os usos instrumentalizados da imagem fotográfica.

Figura 3 - Análise de Redes das palavras-chave da produção científica internacional



Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

Os seis principais *clusters* identificados refletem essa diversidade epistêmica e metodológica:

Tabela 1 - *Clusters* da análise de palavras-chave da produção científica internacional

Cor	Núcleo	Termos Dominantes	Análise Sociológica
Vermelho	photography, ethics, politics	aesthetics, agency, documentation	Ética e política visual
Amarelo	visual methods, health, memory	photovoice, community, reflexivity	Método de pesquisa e saúde
Verde	identity, gender, ethnography	young people, culture	Interseccionalidade e juventude
Azul	media, communication, trauma	journalism, witnessing, news	Fotografia e conflitos
Roxo	social media, instagram, consumption	self, performance	Performance e consumo digital
Laranja	work, labor, embodiment	authenticity, management, body	Trabalho e corpo na fotografia

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

O *cluster* vermelho apresenta a fotografia como prática ética e política, vinculada à produção de testemunhos, à agência de sujeitos e à documentação de realidades marginalizadas. A presença dos termos “aesthetics”, “agency” e “documentation” indica uma preocupação com a visualidade enquanto meio de denúncia, crítica e produção de sentido público.

No *cluster* amarelo, observa-se o destaque para os métodos visuais aplicados em contextos de pesquisa empírica, sobretudo na área da saúde e nas ciências sociais aplicadas. Termos como “photovoice” e “community” revelam o uso da fotografia em processos participativos e reflexivos, onde a imagem atua como mediadora entre sujeitos e pesquisadores. Aqui, a fotografia ultrapassa a função representacional, tornando-se um recurso epistemológico.

O *cluster* verde articula a fotografia a questões de identidade, gênero e juventude, operando dentro de um quadro teórico interseccional. Termos como “young people”, “culture” e “ethnography” remetem à utilização da imagem em contextos de investigação sobre pertencimento, subjetivação e representação de grupos sociais diversos.

No *cluster* azul, a imagem fotográfica aparece vinculada à produção midiática, ao jornalismo e à documentação de eventos traumáticos. A fotografia é compreendida como meio de construção da verdade pública, do testemunho e da sensibilização social frente a situações de violência, catástrofe ou conflito.

O *cluster* roxo enfatiza os usos da fotografia nas mídias sociais, especialmente em plataformas como o Instagram, com foco em práticas de autoperformance, consumo de si e circulação de afetos visuais. Essa abordagem dialoga com os estudos sobre performatividade, neoliberalismo afetivo e economias da atenção, tratando a imagem como meio de expressão individual e gestão da visibilidade.

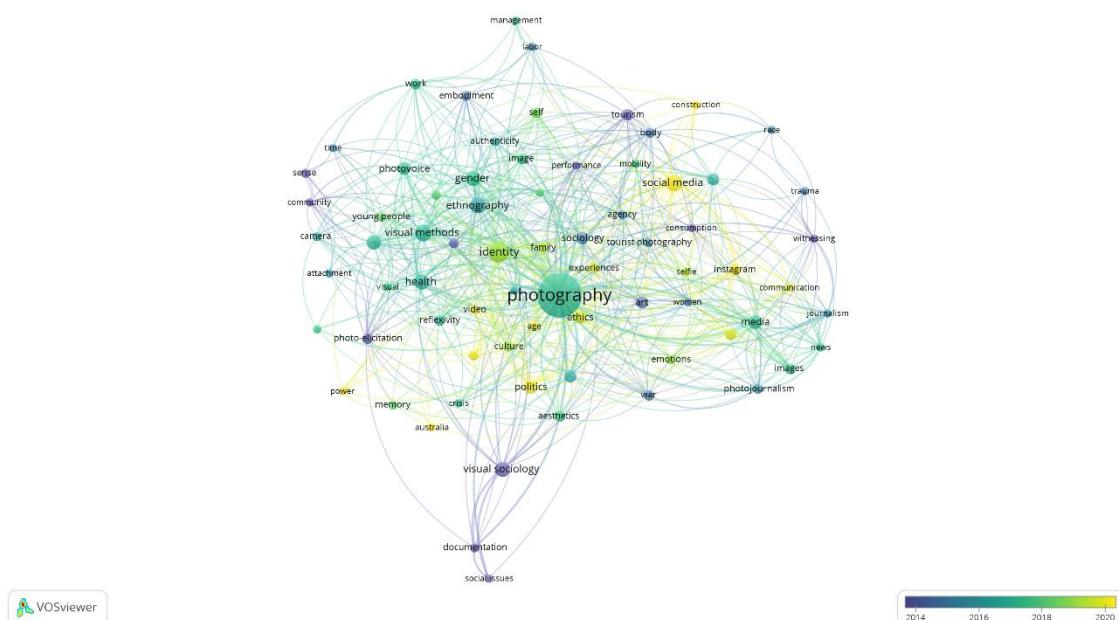
Por fim, o *cluster* laranja evidencia a fotografia como recurso ligado ao mundo do trabalho e à corporificação da experiência. Termos como “authenticity”, “management” e “body” sugerem investigações que abordam a imagem como meio de representar ou regular o corpo, a autenticidade e a produtividade no capitalismo contemporâneo.

Em síntese, a produção internacional analisa a fotografia de forma interdisciplinar, com ênfase em sua dimensão pragmática, política e metodológica. A imagem deixa de ser apenas objeto de análise simbólica e passa a ser mobilizada como instrumento de pesquisa, intervenção e transformação social, operando nas fronteiras entre a sociologia, a saúde, os estudos de mídia e a antropologia. Em contraste com a perspectiva teórica da produção brasileira, o cenário internacional revela uma sociologia da fotografia mais voltada à aplicação e à problematização da imagem como ferramenta de pesquisa empírica.

2.1 Dinâmica temporal da fotografia na produção sociológica internacional

A visualização temporal da rede de coocorrência de palavras-chave, construída a partir da base Web of Science com o auxílio do software VOSviewer, permite observar como o vocabulário relacionado à fotografia evoluiu na sociologia internacional ao longo da última década. Os termos mais antigos (em azul escuro) concentram-se nas margens inferiores do gráfico, enquanto os mais recentes (em tons amarelos e verdes claros) ocupam áreas laterais e centrais, permitindo traçar uma genealogia temática do campo e identificar zonas de inovação discursiva.

Figura 4 - Análise de Redes das palavras-chave com marcações temporais da produção científica internacional



Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaborada pelos autores.

Na base da rede, encontramos termos mais antigos e estruturantes como “visual”, “sociology”, “documentation”, “social issues” e “aesthetics”. Esses nós indicam o núcleo original da sociologia da fotografia, centrado na sua função documental, política e estética. São temas associados a uma tradição crítica e reflexiva, onde a fotografia é concebida como forma de representação das estruturas sociais, testemunho de desigualdades e ferramenta para a construção da memória coletiva.

No centro da rede, especialmente em tonalidades esverdeadas, aparecem os termos “photography”, “ethics”, “identity”, “visual methods”, “health” e “gender”, configurando o cerne da produção contemporânea. Essas categorias indicam a consolidação da fotografia como ferramenta metodológica e analítica, em diálogo com a ética da representação, a construção de subjetividades e a interseccionalidade. Na borda superior direita, os nós mais recentes (em amarelo) concentram termos como “social media”, “Instagram”, “tourism”, “self”, “consumption” e “mobility”. Trata-se de um novo eixo discursivo, vinculado ao impacto das plataformas digitais na prática fotográfica e na circulação de imagens. Esses temas, ainda em expansão, refletem o deslocamento da fotografia do universo da representação estática para o digital e da produção de si. A crescente conexão entre “selfie”, “communication”, “agency” e “performance” indica que a fotografia passou a ser investigada como prática situada no cruzamento entre visibilidade, consumo e subjetivação.

Outra inovação visível na produção bibliográfica diz respeito à entrada de termos como “trauma”, “witnessing” e “war”, ligados à fotografia de conflito, ao jornalismo e à imagem como prova ou memória afetiva. Esses elementos dialogam com os estudos sobre testemunho, ética da visibilidade e política da dor, reposicionando a fotografia como agente de impacto público e mediação emocional.

Em termos gerais, a rede temporal revela um movimento de expansão do campo da sociologia visual: da ênfase inicial em “visual sociology” e “documentation”, passa-se a uma centralidade dos métodos visuais e, mais recentemente, à incorporação de temas vinculados às plataformas digitais, às performances de identidade e às políticas do corpo. A fotografia emerge, assim, como objeto e método articulado à produção de subjetividades, à crítica social e às transformações tecnológicas da contemporaneidade.

3. A fotografia entre o nacional e o internacional na sociologia

A comparação entre a produção nacional e internacional sobre fotografia revela divergências significativas na forma como o objeto é concebido, mobilizado e associado a diferentes universos de análise sociológica. A produção brasileira, conforme análise semântica realizada via IRaMuTeQ, caracteriza-se por uma abordagem predominantemente teórica e reflexiva, com forte presença dos referenciais de Pierre Bourdieu e da sociologia crítica. A fotografia aparece como conceito central, articulado a discussões sobre campo, *habitus* e capital simbólico, com *clusters* que refletem um investimento conceitual mais do que metodológico. Embora temas como gênero e política estejam presentes, observa-se uma menor sensibilidade à discussão sobre mídias digitais e as questões de performatividade e cultura visual.

Por sua vez, a produção internacional, conforme mapeamento por VOSviewer, privilegia abordagens empíricas e arranjos metodológicos, nas quais a fotografia é mobilizada como ferramenta de intervenção social, análise visual e produção de conhecimento empírico. Nesse contexto, “photography” funciona como termo que conecta múltiplos temas, como por exemplo, redes sociais, saúde pública, juventude e consumo, evidenciando um uso pragmático e relacional da imagem. A presença de metodologias como *photovoice*, bem como discussões sobre trauma, ética e engajamento comunitário, aponta para uma fotografia enquanto prática situada e etnográfica, que articula visualidade, identidade e ação política.

Além disso, a visualidade é problematizada de maneiras distintas: na produção nacional, ela se inscreve no plano epistemológico e semiótico, enquanto na literatura internacional, assume contornos metodológicos e instrumentalizados. A questão de gênero, por exemplo, é tratada no Brasil a partir da perspectiva simbólica, ao passo que no exterior aparece articulada à performance, à saúde e à construção social de identidades.

Dessa forma, a fotografia se inscreve como objeto sociológico disputado entre universos teóricos e espaços de intervenção, revelando

não apenas diferentes tradições intelectuais, mas também distintas formas de conceber o papel das imagens na análise social contemporânea.

Considerações finais

Este artigo buscou cartografar os contornos teóricos, metodológicos e temáticos da produção sociológica sobre fotografia no Brasil e no cenário internacional, com o objetivo de identificar as gramáticas epistemológicas que estruturam as formas de legitimação da imagem como objeto e instrumento de pesquisa. A partir da análise de redes de coocorrência lexical conduzida por meio dos softwares IRaMuTeQ e VOSviewer, examinamos dois universos discursivos distintos: um nacional, marcado por uma abordagem teórica ancorada na sociologia relacional; e outro internacional, caracterizado por uma orientação empírica e metodológica voltada às formas de aplicação e instrumentalização.

No contexto brasileiro, a fotografia tende a ser mobilizada sobretudo como categoria teórica, fortemente orientada pela obra de Pierre Bourdieu. Os textos analisados operam majoritariamente no registro da análise simbólica, com ênfase em temas como distinção, *habitus*, campo e capital cultural. Embora haja aberturas significativas para questões de gênero, sexualidade e subjetividade, essas agendas são geralmente tratadas por meio de enquadramentos interpretativos, com menor incidência de práticas metodológicas visuais. A fotografia aparece, assim, como reflexo das estruturas sociais, documento das formas de dominação simbólica.

Em contraste, a produção internacional evidencia um uso instrumental da imagem na análise sociológica. A fotografia é frequentemente concebida como ferramenta de investigação aplicada, inserida em metodologias participativas (como o *photovoice* e o *photo-elicitation*) e mobilizada em pesquisas sobre saúde, juventude, consumo digital, trauma e engajamento comunitário. Nessa vertente, a imagem opera menos como representação simbólica e mais como registro do

social, ou seja, um marcador ético, afetivo e performativo que produz dados, gera vínculo e ação. O papel da fotografia como operador e mediador do social aparece principalmente em contextos marcados por desigualdades, violências ou processos de subjetivação.

Essas diferenças não são apenas metodológicas ou estilísticas: elas refletem modos científicos distintos, orientados por formas diversas de conceber o que é relevante, legítimo e possível no fazer sociológico. Como analisa Bourdieu (1984), o campo acadêmico é atravessado por lógicas de consagração, distinção e disputa, o que se manifesta nas escolhas teóricas, nas estratégias de visibilidade, nas relações com o objeto e nos modos de construção do dado empírico. A fotografia, nesse sentido, revela-se uma arena de tensões entre autonomia e aplicação, entre prática e teoria.

A própria assimetria metodológica adotada neste estudo (IRaMuTeQ para o *corpus* brasileiro, VOSviewer para o internacional) reflete essas clivagens. Enquanto a produção nacional é analisada a partir do conteúdo dos textos, a internacional é observada por meio de palavras-chave, o que expressa, por um lado, a centralidade do discurso na formação acadêmica brasileira e, por outro, a orientação mais instrumental e temática da produção internacional. Essa diferença não compromete a comparação, mas impõe a necessidade de uma leitura reflexiva dos resultados, atenta às condições institucionais e simbólicas de cada espaço de produção científica.

À luz desta análise, torna-se possível propor uma agenda crítica para a renovação da sociologia visual ou da imagem no Brasil. A incorporação de abordagens metodológicas poderia ampliar o escopo empírico desse universo de estudo, aproximando a sociologia dos sujeitos que estuda e interpreta, valorizando os saberes que emergem da experiência vivida. Ao mesmo tempo, é fundamental preservar a densidade teórica que caracteriza a tradição crítica brasileira, de modo a evitar uma instrumentalização acrítica da imagem.

A fotografia, enquanto objeto e ferramenta metodológica, oferece um ponto privilegiado para o diálogo entre diferentes tradições

sociológicas, ao mesmo tempo, artefato técnico e símbolo cultural, dado e construção, documento e gesto. Assumir essa ambiguidade como eixo analítico implica abandonar a dicotomia entre técnica e teoria, forma e conteúdo, e reconhecer que a fotografia pode ser, simultaneamente, um modo de ver, de saber e de interpretar o mundo social.

Referências

- BANKS, Marcus. **Visual methods in social research**. Londres: SAGE Publications, 2001.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Éditions de Minuit, 1984.
- BOURDIEU, Pierre (org.). **Un art moyen** : essai sur les usages sociaux de la photographie. 2. ed. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **Science de la science et réflexivité**. Paris: Éditions Raisons d'agir, 2003.
- BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. **Photography**: a middle-brow art. Redwood City: Stanford University Press, 1990.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.
- GRISWOLD, Wendy. **Cultures and Societies in a Changing World**. 2. ed. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 2004.
- HARPER, Douglas. Talking about pictures: a case for photo elicitation. **Visual Studies**, v. 17, n. 1, p. 13–26, 2002.
- HEINICH, Nathalie. **Des valeurs: Une approche sociologique**. Paris: Gallimard, 2014.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2000
- LATOUR, Bruno. **Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e Ciências Sociais, trajetória de uma relação difícil". In: BARBOSA, A.; CUNHA, E.; HIKIJI, R. (Org.). **Imagem-conhecimento**: antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas: Papirus, 2009.

MARESCA, Sylvain. **La photographie, un miroir des sciences sociales**. Paris: L'Harmattan, 1996.

PINK, Sarah. **Doing visual ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2006.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials**. Londres: SAGE Publications, 2006.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

SWEETMAN, Paul. Revealing habitus, illuminating practice: Bourdieu, photography and visual methods. **The Sociological Review**, v. 57, n. 3, p. 491-511, ago. 2009.

WALLIN, Johan A. Bibliometric methods: pitfalls and possibilities. **Basic & Clinical Pharmacology & Toxicology**, v. 97, n. 5, p. 261-275, 2005.

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. **Health Education & Behavior**, v. 24, n. 3, p. 369-387, 1997.